

Plásticos melhores para oceanos mais saudáveis

Boletim do Instituto IDEAIS – BI 09/01/2018

Fonte: Project Syndicate

<https://www.project-syndicate.org/commentary/plastic-pollution-oceans-biodegradable-by-michael-stephen-2018-01>

Por Michael Stephen - 5 de janeiro de 2018 – Tradução livre

No esforço global para livrar o mundo da poluição plástica, os governos estão se voltando cada vez mais para a sua regulamentação, desde a tributação até as proibições definitivas. Embora algumas políticas anti-plásticos possam ter sentido em alguns casos, a melhor forma de proteger o meio ambiente é melhorar o próprio produto.

LONDRES - Os plásticos estão entre os materiais mais populares em uso hoje em dia. Dada a versatilidade do material não é de admirar que cerca de 320 milhões de toneladas sejam usadas em todo o mundo a cada ano. Na verdade, os recentes feriados deixaram como lixo uma montanha de produtos plásticos e embalagens. Mas os plásticos também representam uma séria ameaça ambiental.

Se não for descartado adequadamente, os plásticos podem permanecer ou flutuar por décadas. Além de serem prejudiciais para a vida terrestre e aquática, os plásticos que flutuam livremente nos oceanos podem adsorver toxinas e quebrar em [microplásticos](#) que entram na cadeia alimentar.

É essa sua aparente imortalidade que levou os governos a taxar certos produtos plásticos prejudiciais para o meio ambiente ou proibi-los completamente. Muitos governos também estão incentivando uma melhor gestão de resíduos e a reutilização através do redesenho e reciclagem de produtos plásticos.

Esta é uma política prudente. Mas enquanto as taxas, as proibições e as políticas de gerenciamento de resíduos vão reduzir o problema da poluição plástica, elas não resolvem por completo o problema. E, como os plásticos são feitos de um subproduto de refinação de petróleo, uma proibição também teria pouco ou nenhum impacto na extração de hidrocarbonetos. O que os impostos e as proibições farão é privar as pessoas mais pobres de um material útil e barato.

O fato é que, apesar dos melhores esforços de legisladores bem-intencionados e organizações não-governamentais, [milhares de toneladas](#) de resíduos de plástico ainda estão entrando no meio ambiente, particularmente nos oceanos, todos os dias. Claramente é necessária uma melhor abordagem.

Alguns governos e empresas foram persuadidas de que os "bioplásticos" - que são derivados em parte da biomassa como a fécula de milho - são a solução. Mas [este argumento](#) é falho: os bioplásticos são muito caros e consomem muita energia para serem produzidos, e ainda assim contêm grandes quantidades de material derivado do petróleo.

Além disso, a reciclagem dos bioplásticos requer que sejam separados do plástico comum. Tais polímeros são testados para biodegradar, mas apenas nas condições particulares encontradas na compostagem industrial. Em outras palavras, embora essa tecnologia possa parecer atraente, não resolverá o problema da lixa de plástico que se infiltra no meio ambiente.

O foco da indústria de plásticos está há muito tempo voltado à funcionalidade do produto durante sua vida útil. Essa abordagem não é mais sustentável. O mundo precisa de um novo tipo de plástico - um que funcionará bem, mas também irá biodegradar muito mais rápido do que os plásticos que usamos hoje.

Adote o plástico oxibiodegradável (OBP). Ao contrário de outros plásticos, incluindo bioplásticos, o OBP biodegrada em qualquer lugar do meio ambiente e pode ser [reciclado](#) se coletado durante sua vida útil. Os produtos de plástico comuns podem ser aprimorados para o OBP com as mesmas máquinas existentes no momento da fabricação e com pouco ou nenhum custo extra, usando a tecnologia que a [Oxo-Biodegradable Plastics Association](#) está dedicada a explicar.

OBP é produzido quando um aditivo especial é misturado com um polímero normal. O aditivo (produzido por uma empresa onde sou diretor) [destrói a estrutura molecular](#) do polímero no final de sua vida útil e permite a decomposição natural em um ambiente aberto.

E, quando se trata de OBP, a decomposição não significa quebrar em fragmentos de plástico. Como Ignacy Jakubowicz, professor dos Institutos de Pesquisa da Suécia e um dos principais especialistas mundiais em polímeros, [explica](#), quando os OBPs quebram, o material muda completamente, com as moléculas de hidrocarbonetos se tornando moléculas contendo oxigênio que podem ser assimiladas de volta ao meio ambiente. De acordo com os padrões internacionais (como a [ASTM D6954](#)), o uso de OBP exige prova de degradação e biodegradação e confirmação de que não há metais pesados ou eco toxicidade.

À medida que os plásticos mudam, as formas pelas quais os países os integram em suas economias também devem mudar. A boa notícia é que, embora os Estados Unidos e a Europa lentamente adotem soluções inovadoras, outros países foram mais abertos a elas. Por exemplo, a [Arábia Saudita](#) e os Emirados Árabes Unidos proibiram a importação ou fabricação de plásticos convencionais para uma ampla gama de produtos, e ambos agora

exigem que os produtos plásticos sejam aprimorados com tecnologia OBP. Eles não optaram por plásticos "derivados de plantas".

O mundo não precisa de novas proibições ou impostos. Em vez disso, precisa que as pessoas que trabalham com o plástico e seus governos se tornem tão adaptáveis quanto o próprio material, aproveitando os avanços tecnológicos para garantir que possamos tirar o máximo proveito de um material barato e versátil, sem sujeitar o meio ambiente aos danos do seu impacto.



MICHAEL STEPHEN

Michael Stephen, ex-membro do Parlamento do Reino Unido, é presidente da Associação de Plásticos Oxibiodegradáveis (OPA) e diretor da Symphony Environmental Technologies Plc.